

NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA: A EXPERIÊNCIA DAS PROFESSORAS NEGRAS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE GURUPI-TO

NARRATIVES OF RESISTANCE: THE EXPERIENCES OF BLACK WOMEN TEACHERS
IN THE URBAN SCHOOLS OF GURUPI-TO

Eliane Pinto Teixeira¹
Elizângela Inocência Mattos²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo, apresentar as vivências das professoras negras, dando visibilidade às trajetórias pessoais e profissionais, trazendo suas narrativas como processo de valorização educacional e social. Sendo assim, a natureza da pesquisa é qualitativa e os instrumentos de produção de dados foram: um questionário respondido pelas professoras que aderiram à pesquisa e, em seguida, entrevistas realizadas com quatro professoras negras. Os dados produzidos são analisados à luz da análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977). Tendo em vista que os resultados, por meio das falas das professoras negras, indicam que a trajetória pessoal e profissional é marcada pelo silenciamento, enfrentamento, falta de condições financeiras, diferenças raciais e biológicas e estranhamento da presença da mesma nos espaços. Assim, observa-se que as barreiras enfrentadas durante o percurso da trajetória, por meio de situações difíceis desde a infância até a vida adulta, contribuem para a existência de marcas com impacto e influência ao longo da vida das professoras negras.

1395

Palavras- chaves: Educação. Empoderamento. Racismo. Resistência. Vivências escolares.

ABSTRACT: The aim of this article is to present the experiences of black women teachers, giving visibility to their personal and professional trajectories, bringing their narratives as a process of educational and social valorization. As such, the nature of the research is qualitative and the instruments used to produce the data were: a questionnaire answered by the teachers who participated in the research, followed by interviews with four black

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação - PPGE/UFT; Pós-Graduada em Gestão Escolar (FAVENI); Pós-graduada em História e Cultura Afro-brasileira (FAVENI); graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Tocantins/ UFT.

² Doutora em filosofia pela UFSCAR .Professora da UFT e do mestrado acadêmico PPGE/UFT.

women teachers. The data produced was analyzed in the light of Laurence Bardin's (1977) content analysis. In light of the results, the speeches of the black women teachers indicate that their personal and professional trajectories are marked by silencing, confrontation, lack of financial conditions, racial and biological differences, and estrangement at their presence in spaces. Thus, it can be seen that the barriers encountered along the way, through difficult situations from childhood to adulthood, contribute to the existence of marks that have an impact and influence throughout the lives of black women teachers.

Keywords: Education. Empowerment. Racism. Resistance. School experiences.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de uma investigação de mestrado, que abordou o protagonismo feminino das professoras negras no contexto da Educação Básica. O objetivo foi destacar a mulher negra na sociedade brasileira, marcada pelo racismo estrutural, como um sujeito empenhado em conquistar seu espaço profissional legítimo.

De acordo com Caldas et al. (2023), é crucial que o combate ao racismo seja uma prioridade destacada no contexto escolar. Isso se deve ao fato de que a educação no século XXI precisa superar os preconceitos arraigados desde os tempos antigos, incluindo a era da escravidão. Para tanto, é fundamental o papel dos educadores, das instituições de ensino e da sociedade em geral em colaborar de forma conjunta para criar um ambiente educacional que valorize e respeite as diferenças.

No entanto, essa questão se estende aos desafios enfrentados pelos professores, que, assim como os estudantes, podem ser vítimas de racismo. Sousa et al. (2021) argumentam que o racismo enfrentado por professoras negras, por exemplo, também pode estar ligado ao sexismo, resultando em uma série de estereótipos que perpetuam a ideia de que a mulher negra deve ocupar sempre posições subalternas, gerando debates sobre as profissões historicamente dominadas por homens brancos. Isso ressalta a importância do debate sobre as relações étnico-raciais e intensifica a agenda do movimento social no contexto educacional.

Deste modo, a pesquisa se fundamentou em inquietações a partir de uma pergunta que norteou o referido trabalho, a saber: *como se constituiu a trajetória pessoal e profissional das*

professoras negras nos espaços escolares da rede municipal de educação de Gurupi-TO?

Importa investigar a presença das mulheres negras nos espaços escolares como processo de valorização pessoal e profissional das mesmas. Ao ecoar o protagonismo feminino das professoras nas escolas municipais de Gurupi-TO, foi possível ouvir vozes que de alguma maneira foram silenciadas, entendendo que existe uma história em construção durante o percurso formativo e que se entrelaça ao espaço escolar impactando na sociedade.

METODOLOGIA

A referente pesquisa baseou-se em uma abordagem qualitativa, pois tratou de uma forma intencional de ampliação de conhecimento a partir da realidade dos sujeitos pesquisados, com a consideração de variáveis que não podem ser mensuradas numericamente. É nessa perspectiva, conceitua-se a pesquisa qualitativa como aquela que se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2014).

Os instrumentos de pesquisa para coleta dos dados foram o questionário estruturado e a entrevista semiestruturada. O questionário foi encaminhado para todas as professoras da rede municipal de Gurupi por meio de questionário eletrônico (*forms*), uma vez que todas poderiam responder, visto que a pré-seleção para o segundo momento ocorreu a partir da autodeclaração como negra e também para que houvesse o aceite, já que se tratou de uma participação voluntária.

Após a etapa de coleta das respostas por meio do questionário, observou-se que 100 responderam voluntariamente ao mesmo, dessas 75 se autodeclaram negras e pardas e somente 4 entre as professoras negras voluntariaram-se para a participação na entrevista.

As quatro professoras que se autodeclaram negras participaram de uma entrevista semiestruturada com cinco perguntas geradoras. De acordo com Triviños (1987), trata-se de um momento muito importante da pesquisa, a estruturação da entrevista para que o assunto a ser tratado tenha um alinhamento com os objetivos propostos.

Para o tratamento dos dados baseou-se nas propostas de análises de conteúdo de Laurence Bardin (1977). A análise de conteúdo é uma técnica utilizada para permitir uma melhor abrangência dos achados que são concedidos pelos indivíduos por meio dos seus relatos de experiência, tendo como objetivo conhecer a realidade e o contexto através dos relatos dos entrevistados.

Para organizar os instrumentos coletados, foi realizada uma análise geral dos dados do questionário, para o devido conhecimento da realidade das professoras negras. Em seguida houve a transcrição e tabulação dos dados das entrevistas para compreensão do objetivo proposto, para em seguida confrontar e comparar junto aos objetivos propostos em agrupamentos para enfatizar as respostas. Para cada professora foi codificado um nome fictício, uma maneira de preservar suas verdadeiras identidades.

PROFESSORAS NEGRAS: IDENTIDADE E REALIDADE EDUCACIONAL

A identidade é um conceito formado a partir de uma ação individual e coletiva do sujeito em espaços sociais. Como articula Dubar (2005), a identidade se desenvolve por meio da interação com o social por meio de duas ações: a internalização e a externalização do sujeito nos espaços sociais e nas instituições que se encontram inseridas. Dessa forma, identidade tem a ver com o que a pessoa é em relação a si mesma e em relação a sua comunidade.

O conceito de identidade é visto de diferentes formas em cada área de conhecimento. “O próprio conceito com o qual estamos lidando, “identidade”, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova.” (HALL, 2005, p. 8). Dessa maneira, é importante conhecer diversas conceituações no campo das ciências.

Para fins de alargamento da concepção intelectual, tratamos do conceito de identidade segundo a Antropologia, a Sociologia e a Educação.

Na Antropologia, a discussão sobre a terminologia “identidade” é construída por meio das práticas com interações sociais. Novaes (1993), conceitua-a como uma ideia que deve ser referenciada apenas como proposta de discurso e manifestada como um meio para

composição de “nós”. Uma junção de “nós” que perpetua a igualdade entre diversos grupos, como fator de representação que não necessita de efetividade. Como “nós”, mulheres e “nós” negros, tendo esse conjunto como fator necessário para construção social.

No campo sociológico, a identidade é vista como essencialidade absoluta e definida pela natureza. Nesse sentido, afirma Hall (2005), acontece um colapso de crise, isto é, na atualidade existem diversas interrupções com as construções acerca dela.

Na educação, a identidade é condizente com o campo de profissionalização. Na ideia de Lima (2005), concebe-se a identidade docente como social, sendo a professora a produtora de saberes e conhecimentos durante o processo educativo. Nessa concepção, pode-se entender que a identidade é um processo de relação com o outro e de alguma maneira influenciada por meio dos acessos que são vivenciados.

De acordo com as conceituações presentes nessas áreas de conhecimento, é importante perceber que existem diversas abordagens acerca da terminologia da identidade, destaca-se que seria um conjunto em construção, a partir da relação com outro, designando o social e o cultural como processo de mediação.

Nesse estudo, a identidade é concebida como “[...] o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições”. (DUBAR, 2005, p.136). É importante conceber a construção social da identidade dos sujeitos da pesquisa, tendo em vista a identidade da mulher negra.

A identidade do negro seria composta por várias nomenclaturas: identidade negra, afrodescendente, étnico racial e afro-brasileira. Não existe um vocabulário único que expresse a sua identidade.

Assim, como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num processo que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, em que os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividade e no qual se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente tal processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece. (GOMES, 2003, p. 171).

Na construção da identidade da professora negra, percebe-se as marcas da violência racista em sua identidade, construída por meio da interação com o outro em aspectos sociais, históricos, pessoais e culturais, na perspectiva de uma realidade política.

Ser professora negra não se limita apenas a rememorar marcas de violência e bloqueios oriundos de vivências de discriminação e preconceito racial, mas encontrar diversas referências e histórias inspiradoras, onde o sentimento de pertencimento e acolhimento sejam afluídos.

Trata-se de uma identidade construída em um caminho com diversos obstáculos, uma construção crítica, um olhar reparador. Sua participação educacional pode proporcionar um ensino étnico e crítico diante do racismo.

A ação da professora negra no âmbito escolar pode resultar em resignificação e reconstrução de uma narrativa social composta por diversos saberes.

A reconstrução do pensamento dos agentes públicos da escola e da dinâmica dos processos de construção e desconstrução do pensamento está centrada nos personagens principais dessa nova diáspora chamada de pós-modernidade líquida, que é a urgência de permitir que a humanidade conheça a história dos derrotados, dos esquecidos e dos povos pretos como ponte de criar um território para esse povo. Assim, busca-se o sentimento de pertença dentro da própria escola para construir novos saberes e novas epistemes (SANTOS; CARVALHO, 2022, p. 219-220).

Por meio da educação há transformações sociais, como a produção do conhecimento através das vivências no cotidiano social. Encontramos “[...] história de vozes torturadas, línguas rompidas, idiomas impostos, discursos impedidos e dos muitos lugares que não podíamos entrar, tampouco permanecer para falar com as nossas vozes”. (KILOMBA, 2019, p.27).

Silva e Aguiar (2022), afirmam que as mulheres negras são agentes de transformação de suas comunidades, enquanto que Silva e Euclides (2018), ao discorrerem sobre racismo institucional e atuação de professoras doutoras e negras em Universidades públicas dos estados do Ceará e Rio de Janeiro, reafirmaram a importância das mulheres negras assumirem o protagonismo da luta social contra o racismo, que seria educativo tanto em um ambiente social quanto dentro das próprias escolas.

Neste sentido, as professoras negras - participantes da pesquisa - possuem trajetórias, percursos educacionais, sociais e políticos que unem a condição de mulher com a representatividade racial nos espaços aos quais vive. A mulher negra tem construções dialéticas e de resistência. Por isso, “[...] o lugar de fala deve ser apresentado para que seja compreendido”. (SANTOS; CARVALHO, 2022, p. 231).

Neste cenário, o processo formativo pessoal e profissional das professoras negras resultam em aprendizado e saberes que são compartilhados e reaprendidos pelas demais, impactando diretamente em seus alunos e dando a eles a possibilidade de transformação.

No Brasil, a mulher preta, ainda hoje, encontra-se numa situação de maior vulnerabilidade quando analisamos os indicadores das taxas de homicídio, inclusão no mercado de trabalho, desemprego, condições de trabalho e diferença salarial. Quando se trata desse público, a taxa de desemprego é 50% se comparada a outros grupos (LOPES; SILVA., 2021, p. 149).

O processo formativo e transformador rompe com as questões étnicas e raciais que são retratadas de maneira subjetiva, remetendo à possibilidade de um discurso dominante. Leite, Santos e Almeida (2022), corroboram ao afirmarem que os saberes e experiências docentes das professoras negras em suas *práxis* educativas, são molas propulsoras para uma sociedade justa e igualitária.

Segundo Ribeiro (2019), as vozes que foram caladas possuem um poder incrível de transformação, mas precisam ser encorajadas a se manifestar. No entanto, elas necessitam de um estímulo para serem manifestadas e ouvidas.

E é exatamente isso que a feminista Audre Lorde (2019) nos alerta: precisamos eliminar o "opressor" que existe em cada um de nós. É o lado que oprime, que limita, que impede o florescimento das vozes e das ideias. Somente quando conseguirmos dar uma resposta efetiva na necessidade de libertação, é que poderemos nos transformar e criar um ambiente mais igualitário e justo.

Certamente que seria grande o impacto se todas as vozes silenciadas fossem ouvidas. Seria como uma sinfonia de ideias, de narrativas, de perspectivas diferentes. Seríamos inundados por uma enxurrada de criatividade e diversidade, capazes de abrir portas e janelas para um mundo mais inclusivo.

Então, ao encorajar uns aos outros a expressar as vozes, a compartilhar as experiências e a desafiar o *status quo*, encaminha um processo de eliminar o opressor dentro de cada um e dar espaço para a verdadeira expressão florescer. Logo, construir um futuro onde todas as vozes importam e nenhuma seja silenciada.

As protagonistas que fazem parte desse percurso de mudança social são intelectuais, em especial, as professoras negras, o que contribui de maneira significativa para a negritude. “O trabalho para oposição à prática racista ocorre quando o professor já tem uma identidade e reconhece sua história tendo como principal objetivo desses atos diante da questão racial.” (DANTAS, 2021, p. 306).

As contribuições da professora negra para educação são consideráveis, pois, essas mulheres possuem vozes significativas para as ações, debates, políticas, práticas e deliberações antirracistas. E com isso, fazem parte de um processo emancipatório de reflexões para produção de conhecimento, lutas, saberes, ensinamentos e debates nas pautas para a população negra.

Os conhecimentos, conquistas, discussões e pautas direcionadas à população negra compõem contribuições significativas dos movimentos negros para as diversas áreas. Com isso, é viável que busquemos conhecê-las, em especial para a educação: “Enfim, a literatura sobre o desafio enfrentado por mulheres negras vem crescendo muito nos últimos anos nas vozes de jovens feministas negras, assegurando visibilidade à urgência da mudança”. (BENTO, 2022, p. 85).

Na atualidade, a mulher negra é promotora de um processo formativo, mas é importante a integração, considerando a história de luta e resistência, sendo protagonista das reformas sociais, ao passo que enfrenta a desigualdade com mais evidência quando comparada a mulher branca.

A situação da mulher negra no país é ainda mais alarmante, pois, apresenta menor nível de escolaridade, trabalha mais, porém com rendimento menor. A pobreza e a marginalidade a que é submetida a mulher negra reforça o preconceito e a interiorização da condição de inferioridade, que em muitos casos inibe a reação e luta contra a discriminação sofrida. (CRISOSTOMO; REIGOTA, 2010, p.97).

Ao direcionar o olhar para a trajetória da mulher negra, é importante verificar como se constrói sua história em uma tentativa de compreender um percurso de luta e conquista, marcados por contextos sociais e políticos turbulentos. Buscando entender essa realidade e vivências é que:

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. (SOUZA, 1983, p. 17-18).

O conhecimento e compreensão do caminho histórico das mulheres negras e da realidade particular e subjetiva de cada uma consistem na oportunidade em afirmar a similaridade de itinerário de vida entre as mesmas por meio das vivências, superações, histórias, das dores, medos e vários outros fatores que as constituem:

Assim, falar sobre a herança escravocrata que vem sendo transmitida através do tempo, mas silenciada, pode auxiliar as novas gerações a reconhecer o que herdaram naquilo que vivem na atualidade, debater e resolver o que ficou do passado, para então construir uma outra história e avançar para outros pactos civilizatórios (BENTO, 2022, p. 25).

Portanto, trazer sujeitos como as professoras negras e estudar sua importância no ambiente da educação como docente, implica em ambientar o roteiro de suas experiências por serem docentes e também como mulheres, suscitando oportunidades de serem reconhecidas como protagonistas no espaço educativo e social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, são apresentadas breves descrições de Dandara, Antonieta, Maria e Tereza, destacando aspectos como a origem familiar, formação acadêmica, experiência profissional e contexto de atuação na rede municipal de educação de Gurupi-Tocantins.

Dandara, 28 anos, solteira, natural de Dianópolis-Tocantins, tem dois filhos, filha única, pós-graduação completa, usou cota para escola pública para ter acesso à Universidade Federal do Tocantins onde cursou Pedagogia. Filha de empregada doméstica e pai lavrador. Foi criada somente pela mãe e sua avó, pois o pai suicidou-se quando tinha seis anos. Atuante na rede municipal de educação de Gurupi-Tocantins há aproximadamente cinco anos,

concurada. Exerce a função docente para uma turma das séries iniciais do Ensino Fundamental.

Antonieta, 37 anos, solteira, tem uma irmã (*in memorian*), mãe de dois filhos, mulher negra e portadora de deficiência visual parcial, natural de Peixe-Tocantins, possui graduação, estudou em Universidade privada, fez o curso de Pedagogia. Filha de mãe e pai lavradores (o pai suicidou-se quando ela tinha dois anos). Sua irmã foi vítima de feminicídio. Atuante na rede municipal de educação de Gurupi-Tocantins há aproximadamente três anos, regime contratual por tempo determinado. Docente na educação infantil.

Maria, 27 anos, casada, não tem filhos, tem três irmãos, possui pós-graduação incompleta, usou a política do PROUNI para ter acesso à graduação, fez o curso de Pedagogia, estudou em uma Universidade privada. Filha de empregada doméstica e pai servente de obra. Atuante na rede municipal de educação de Gurupi-Tocantins há aproximadamente cinco anos, contrato temporário. Docente na Educação Infantil.

Por fim, Tereza, 40 anos, solteira, não tem filhos, possui 5 irmãos. A única na família que tem ensino superior, possui pós-graduação completa, estudou em Universidade privada e fez curso de Pedagogia. Filha de empregada doméstica e pai lavrador. Atuante na rede municipal de educação de Gurupi-Tocantins há aproximadamente cinco anos, concursada. Docente em uma turma das séries iniciais do Ensino Fundamental.

Dessa maneira, na narrativa das professoras negras, consta uma trajetória composta por marcas racistas que impactaram no processo de construção social e formativa.

Sendo assim, o racismo se intensifica e provoca na vida de qualquer professora negra exclusão. Segundo Ribeiro (2019) compreende-se que o racismo tem amplitude para as dimensões que acarretam, mas existe a importância das análises continuamente das práticas corporativas. Isto é, intensificar formas de combatê-los diariamente mesmo com a constância do mesmo.

Então, nessa perspectiva a participante Dandara admitiu que:

Quando eu era aluna, via acontecer essas situações dentro da sala de aula e ninguém intervia, ninguém falava nada e normalizava. E falava, como assim? Eu sei também que essas discussões começaram a acontecer de um tempo para cá. Por exemplo, haviam alunos

diminuindo uma aluna e falando coisas normalmente e não havia nenhuma atitude. Eles viam aquilo como normal, só que aquilo interferia no eu, do meu eu, por exemplo. (Dandara)

E as interferências acontecem, pois a criança viveu desde a infância e adolescência convivendo com o racismo. E vendo particularmente nenhuma intervenção, desencadear o silenciamento e perpetuar situações de inseguranças, incômodo e medo. Segundo hooks (2013), na perspectiva da pedagogia transformadora, é possível mudar a realidade da criança com situações que envolvam todos e de alguma maneira possam contribuir significativamente em sua formação.

Na verdade, o espaço escolar necessita ser um lugar de desconstrução do racismo, inclusive compor um ambiente acolhedor e acessível para todas as crianças. Diante o relato da Dandara anteriormente, percebe-se que ela não tinha a acessibilidade de segurança na escola e nem na sociedade, pois sofria ataques e convivia com o racismo todos os dias.

Conforme o papel social da escola e o que ocorre dentro dela, é importante reconhecê-la como um lugar de transformação e impacto antirracista para toda a comunidade que se insere nela. Dessa maneira “[...] sabemos que a escola reproduz e repete o pensamento racista presente no nosso imaginário social, ela é também um espaço onde se dá a luta e a resistência da comunidade negra.” (DANTAS, 2021, p.303).

1405

Desse jeito, trazemos mais uma situação vivenciada por uma das participantes, sobre a questão da invisibilidade da professora negra e o racismo enfrentado dentro do ambiente escolar por ser destaque no ambiente. Dessa forma, “[..] discutir o protagonismo feminino negro é dar visibilidade a sujeitos sociais que constroem suas identidades profissionais, em meio a enfrentamentos que buscam romper posturas preconceituosas e racistas arraigadas na sociedade.” (DANTAS, 2021, p.299).

Assim, a entrevistada problematiza uma situação que aconteceu dentro da escola:

O racismo estrutural influencia muito na questão do destaque da mulher negra. Eu me lembro que teve uma situação na escola, do qual fui elogiada em público para todo mundo ouvir, por uma autoridade e isso deu um problema. Porque nós que somos negras e deficientes, a gente não pode ser elogiada ou não é capaz. (Antonieta)

Ainda sobre a situação racista vivenciada na escola, temos o relato de uma professora

negra que se deparou com a imposição de ter que se fantasiar, isto é, usar roupas que representam o negro de maneira estereotipada. Podemos verificar no relato:

No dia da consciência negra querem que a gente se fantasie, sendo que somos negras a vida inteira, impor o uso de saias longas, turbantes e roupas coloridas, uma maneira de estereotipar. Acredito que não preciso me fantasiar para ser negra, pois eu já nasci negra. (Carolina).

O posicionamento nessas situações é de suma importância, pois rompe com a teoria do silenciamento. Refletindo sobre isso, permite compreender a importância do confronto diante às circunstâncias racistas do dia a dia, a fim de romper com a opressão racista da sociedade.

Como demonstra Ribeiro (2019) na perspectiva do antirracismo, a mulher negra advém sobre perspectiva de diversas opressões tanto de classe, gênero e quanto de raça. E dessa maneira, encontramos mais um relato de uma participante que passou sua infância, adolescência e um período da vida adulta, “trabalhando” de maneira *escravizada* na casa de várias pessoas, onde era maltratada e explorada, em troca de moradia, estudo e roupa. Assim ela narrou:

1406

Era um casal de idosos, eu trabalhava como se fosse uma escrava, mas eu consegui vencer. Fiquei trabalhando em casa de família dessa forma até os meus 16 anos. Eu sofri muito, teve umas passagens que não foram boas, mas eu venci. Aí depois pensei: vou trabalhar para ter o meu próprio dinheiro. Eu consegui arrumar uma casa para trabalhar e morar. Trabalhava de dia e estudava a noite. Fui me cansando daquilo. Na verdade, quando você mora nas casas, as pessoas acham que você tem que trabalhar de domingo a domingo. (Tereza)

Conforme a fala da entrevistada, foram períodos longos de situações difíceis. Devido os pais não terem condições de arcar os estudos, passou muito tempo morando nas casas das pessoas. E ainda lembra:

Até hoje eu conto essa história, mas isso me dói muito. Muitas vezes sinto um sofrimento tão grande, mas eu venci. Nessa casa eu ficava, era o esposo, a mulher e a menina. Eu cuidava da menina, pois naquela época as mães se achassem alguém que ficasse com a criança o tempo todo era o máximo. Elas queriam assistir televisão e não queria ouvir barulho, então você tinha que ficar 24 horas com a criança no braço. Ela saía para a casa da mãe dela e me deixava na casa. Para não me levar, às vezes eu ficava trancada. (Tereza)

O racismo o impede a pessoa de ter acesso a diversos ambientes, tais como o conhecimento, o trabalho de qualidade, a produção intelectual e a inclusão em espaços de poder.

As entrevistadas compreendem que estão entre as que se autodeclararam e auto identificam como mulheres negras e parte de um grupo minoritário étnico³.

O grupo é visto em extremo silenciamento. A ideia de Santos e Carvalhos (2022) é que existem mulheres que vivenciam diversas situações que envolvem preconceito e racismo de toda ordem, ou seja, ao mesmo tempo que criam, convivem com uma narrativa condizente com o silêncio. É importante quebrar as barreiras do silêncio impostas no processo de formação social porque são elas que as limitam.

Oferecendo um ambiente que contemple a professora e mulher negra, dando lugar para rompimento de ser figurinista e ser a protagonista, pois ainda depara com situações que são paralisadas. Diante as situações que enfrentam, existe um peso maior quando se é mulher, mulher negra, indígena e deficiente.

Dando lugar para reconhecimento e inserção da mesma nos segmentos de tomada de decisões, pois impor sobre as questões que silenciam é lutar contra um sistema que é opressor. Conforme, Gomes (2003) as experiências vivenciadas de maneira nocivas com o corpo negro é armazenado na memória do sujeito, em especial na escola. E assim, são geradas situações difíceis, pois vivenciam o preconceito e acarretam silenciamento e invisibilidade.

A invisibilidade proporciona a falta de acesso, impedindo também serem ouvidas em várias tomadas de decisões. Interferindo nas questões que cada participante da pesquisa passou e muitas das vezes deixaram de expressar ou impor por ser ignoradas. E, isso faz com que várias professoras permaneçam no silêncio ao invés de lutar, com medo do confronto para romper com as barreiras impostas pela conhecida exclusão.

³ São os grupos considerados como os que estão às margens, em situação de exclusão e marginalização, pelo quesito da classe social, cor ou gênero. No caso deste trabalho, designado especialmente às mulheres professoras negras.

E são essas professoras negras que enfrentam as ações nocivas do dia a dia, estando sempre em uma escala de inferioridade e não tendo, muitas vezes, oportunidade de ocupar outras funções, além da sala de aula por ser mulher negra.

A falta de oportunidade para o acesso, traz um impacto no número existente de professoras negras na rede gurupiense de educação municipal, tal como enfatiza-se nas entrevistas com as participantes. Dentro dessa perspectiva relacionada a professora negra, podemos sintetizar as falas da seguinte maneira:

Do protagonismo de professoras negras na rede de educação municipal:

Professora	Protagonismo
Dandara	A percepção que eu tenho é que existem poucas mulheres negras na rede.
Antonieta	As pessoas julgam o outro pela aparência, nem conhece julga, isso se chama racismo. Existem poucas professoras negras na rede.
Carolina	As mulheres negras são vistas como figurantes e de alguma maneira são silenciadas por estarem em lugares que não são vistas ou ouvidas.
Maria	Na minha escola tem pouca professora negra, sendo que a minoria vive em silêncio como uma forma de manter o trabalho e não terem enfrentamentos.
Tereza	São poucas as professoras negras na rede de educação em Gurupi.

Elas concordam que existem poucas professoras negras na educação básica. Visto que é notório que percebe o quanto o silenciamento traz percepções de que é melhor calar do que seguir para o enfrentamento. Isso resulta em inquietações como o porquê que muitas estão em zona de invisibilidade, exclusão e não tem voz ativa.

Mesmo que na referente pesquisa é efetivado o reconhecimento de 25% que se autoidentificam e autodeclaram como mulheres negras, ainda percebem que existe uma invisibilidade dessas mulheres no contexto educacional, por isso a importância do protagonismo.

Ribeiro (2019), problematiza que o primeiro passo para romper a invisibilidade é trazer soluções para o ambiente do qual as pessoas negras estão expondo situações que venham transformar a situação do qual cada uma delas.

A situação da pessoa negra que está no espaço de exclusão em diversos segmentos, tanto social quanto educacional permite apreender que: “A sua condição de sujeito não foi simplesmente negada, mas absolutamente desconsiderada em favor da descrição de um quadro que delimitava lugares sociais muito precisos para eles enquanto grupo racial”. (FONSECA, 2007, p.15).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa versou sobre a trajetória da professora negra, permitindo a visibilidade do protagonismo negro tanto pessoal como profissional. Foi possível desmistificar as barreiras que foram enfrentadas no decorrer de suas narrativas, no relato de situações difíceis desde a infância, no período de formação e na própria atuação enquanto professora.

Compreende-se que a situação financeira é um dos aspectos mais impactantes ao longo da vida, desde a infância até a idade adulta. Essa realidade deixou marcas profundas na vida de cada professora, influenciando sua autoconfiança em relação à capacidade intelectual e ao merecimento.

Os desafios enfrentados e o racismo em diversos âmbitos exacerbaram ainda mais essa questão, tornando evidente a luta diária dessas mulheres para superar barreiras sociais e econômicas impostas pela desigualdade estrutural.

Em meio às adversidades enfrentadas na trajetória construída nos espaços escolares de Gurupi, as participantes da pesquisa reconheceram o protagonismo como um elemento essencial na vida das mulheres negras. Esse protagonismo não apenas fortalece a autoestima e a identidade dessas mulheres, mas também as inspira a enfrentar os desafios com determinação e resiliência. Ao se destacarem e reivindicarem seu espaço, as professoras demonstram uma poderosa forma de resistência e afirmam sua presença e relevância na comunidade escolar e na sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. 1 ed. São Paulo: Companhia de Letras, 2022.

CALDAS, Danielle Barroso et al. O papel dos professores no combate ao racismo: por uma educação antirracista. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, [S. l.], v. 15, n. 11, p. 13058–13075, 2023.

CRISOSTOMO, Maria Aparecida dos Santos; REIGOTA, Marcos Antonio dos Santos. Professoras universitárias negras: trajetórias e narrativas. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 15, p. 93-106, 2010.

DANTAS, Fabrícia dos Santos. Entre o silenciamento e o protagonismo: vozes de professoras pretas do sul da Bahia. **Revista Communitas**, v. 5, n. 11, p. 298–308, 2021.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Tradução Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FONSECA, Marcos Vinicius. **A arte de construir o invisível: o negro na historiografia educacional brasileira**. *Revista Brasileira de História da Educação*, v 13, p. 11-50. Jan/abril.2007

GOMES, Joaquim Barbosa. O debate constitucional sobre as ações afirmativas. In: SANTOS, R. E.; LOBATO, F. (Org.). **Ações afirmativas: políticas públicas contra as desigualdades raciais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.15-58.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 10. ed. tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo Martins Fontes, 2013.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LEITE, Maria Edimaci Teixeira Barbosa; SANTOS, Rosilda Campelo; ALMEIDA, Maria Zeneide C. Magalhães de. **PDF Saberes e experiências na trajetória das professoras negras**. *ALTUS CIÊNCIA*, v. 14, n. 14, p. 338-353, 2022.

LIMA, Cantaluze. **A Identidade Docente no Ensino Técnico: as marcas do saber-ser, do saber-tornar-se professor**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

LOPES, Adiele Nataly Alves; SILVA, Dyandra Jamylle Rosário da. **Do Quariterê ao América: protagonismo de mulheres pretas na luta por direitos fundamentais**. *Gênero na Amazônia*, Belém, n. 20, jul./dez.,2021.

LORDE, Audre. A transformação do silêncio em linguagem e ação. **LORDE, A. Irmã outsider. Trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, p. 49-54, 2019.**

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec, 2014.

NOVAES, Sylvia Caiuby. **Jogo de Espelhos.** São Paulo: EDUSP, 1993.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista.** 1º ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

SANTOS, Juscelino Laurindo dos; CARVALHO, Wiliana Carneiro. Raça e gênero em narrativas de professoras pretas de escolas públicas do município de Araguaína (to). **Facit Business and Technology Journal**, v. 1, n. 34, 2022.

SILVA, Cristiane Dias da; AGUIAR, Vinicius Gomes de. Protagonismo Feminino na Busca por Políticas Públicas no Quilombo Cocalinho, em santa fé do Araguaia (TO). **Humanidades & Inovação**, v. 9, n. 10, p. 10-21, 2022.

SOUSA, A. L. N. de. et al. Professoras negras na pós-graduação em saúde: entre o racismo estrutural e a feminização do cuidado. **Saúde em Debate**, v. 45, n. spe1, p. 13-26, out. 2021.

SOUZA, Neusa dos Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Graal, 1983.

1411

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo.** In: __. Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1987. p. 31-79.